

O DESEJAR NA POESIA DE ADÉLIA PRADO

THE DESIRE IN ADÉLIA PRADO'S POETRY

Yun Liu*

liuyun@edu.ulisboa.pt

Este artigo pretende analisar as várias dimensões do *desejar*, termo muito apropriado para designar a audácia da expressão dos sentimentos na obra da poetisa brasileira Adélia Prado. O *corpus* inclui todas as obras líricas da autora, agrupadas na antologia *Poesia Reunida*, publicada em 2015. O artigo examina, numa primeira fase, o erotismo na poesia de Adélia, com base na teoria freudiana sobre as pulsões de vida. Posteriormente, será feita uma meticolosa observação dos pensamentos da poetisa sobre o amor e a morte, sob a lente da religião de Adélia. Adélia trata o infinito como material, sem desatender a sua transcendência. Veremos que o *desejar* na obra de Adélia não é apenas erótico no sentido corpóreo, e que a morte é um desejo não segundo as pulsões de morte freudiana, mas adquirido pela sua fé cristã. Finalmente, será assinalada a dissolução da dicotomia corpo/espírito através da subtilidade lírica.

Palavras-chave: *Desejar*. Poesia. Adélia Prado. Vida. Fé.

This paper analyzes the various dimensions of the desire (as a verb, in Portuguese “desejar”), a very suitable term to designate the audacity of the expression of feelings in the work of the Brazilian poet Adélia Prado. The *corpus* includes all the lyrical works of the author grouped in the anthology *Poesia Reunida*, published in 2015. The article seeks to analyze, in a first stage, the eroticism in Adélia's poetry, based on the Freudian theory about the life drive. Subsequently, a meticulous observation will be made of the poet's thoughts about love and death, under the lens of Adélia's religion. Adélia treats the infinite as material, without disregarding its transcendence. We will see that the desire in Adélia's work is not only erotic in a corporeal sense, and that death is a desire not according to the Freudian death drive, but acquired by her Christian faith. Finally, the dissolution of the body/spirit dichotomy through lyrical subtlety will be pointed out.

Keywords: Desire. Poetry. Adélia Prado. Life. Faith.

•

1. Introdução

Começando a carreira literária na idade madura, Adélia Prado, mineira da cidade de Divinópolis, revelou um magnífico reino poético já na sua obra de estreia, *Bagagem*, publicada em 1976. Estimada por Carlos Drummond de Andrade como “poeta-mulher à

* Departamento ou Centro, Escola/Faculdade, Universidade, Cidade, País. ORCID: Departamento de Literaturas Românicas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. ORCID: 0000-0002-0285-1314.

beira da linha” (2005, p. 71), Adélia é considerada a porta-voz de “um último desdobramento do modernismo” da poesia brasileira em virtude do seu estilo singelo, ao passo que nunca perde uma profundidade contundente (Massi, 2015, p. 562).

O presente trabalho pretende fazer uma análise das várias dimensões do *desejar* na poesia de Adélia Prado, revelando um *desejar* de natureza impulsiva, adquirida e mística. Para esse fim, tomamos como *corpus* poemas selecionados de todas as obras líricas de Adélia: *Bagagem* (1976), *O coração disparado* (1978), *Terra de Santa Cruz* (1981), *O pelicano* (1987), *A faca no peito* (1988), *Oráculos de maio* (1999), *A duração do dia* (2010) e *Miserere* (2013), agrupadas na antologia *Poesia Reunida*, lançada em 2015.

O trabalho divide-se em três partes. Na primeira instância, analisaremos o erotismo na poesia adeliana, com base na teoria freudiana sobre as pulsões de vida. Na segunda parte, observaremos os pensamentos da poetisa no que toca ao amor e à morte, através das lentes da sua religião. Por último, olharemos para a diluição da fronteira que Adélia realiza com a subtileza lírica entre o corpo e o espírito, entre o profano e o sagrado, em que cintila a originalidade da sua reflexão filosófica e literária.

2. Um *desejar* erótico: *desejar é viver*

Num resumo da teoria das pulsões de Freud, Endo e Souza lembram que, numa fase inicial dessa proposta, o pai da psicanálise concebia como base do mundo psíquico duas energias: as pulsões do eu e as pulsões de objeto. Nesse quadro,

As pulsões do eu ocupam-se em dar ao eu proteção, guarida e satisfação das necessidades elementares (fome, sede, sobrevivência, proteção contra intempéries etc.), e as pulsões de objeto buscam a associação erótica e sexual com outrem. (Endo & Souza, 2016, p. 9)

Na obra *O mal-estar da civilização*, Freud recorda que a sua primeira inspiração veio de uma frase do poeta e filósofo alemão Friedrich Schiller, conforme a qual “‘a fome e o amor’ sustentam a máquina do mundo” (Freud, 1930/2016c, p. 54). Segundo a interpretação de Freud,

A fome poderia representar os instintos que querem manter o ser individual, enquanto o amor procura pelos objetos; sua função principal, favorecida de toda maneira pela natureza, é a conservação da espécie. Assim, primeiramente se defrontaram instintos do Eu e instintos objetais. Para designar a energia destes, exclusivamente para ela, introduzi o nome de “libido”; com isso a oposição se dava entre os instintos do Eu e os instintos “libidinais” do amor no sentido lato, dirigidos para o objeto. (Freud, 1930/2016c, p. 54)

Em 1920, na sua obra revolucionária *Além do princípio do prazer*, a antiga oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de conservação é transformada numa oposição entre as pulsões de vida, *Eros*, e as pulsões de morte, *Thanatos*. Sobre esta nova fórmula freudiana, Vicentin e Almeida oferecem uma explicação concisa:

[As pulsões de vida] são aquelas forças que proporcionam a formação de unidades vitais cada vez mais complexas e globalizantes, enquanto que as pulsões de morte trabalham e pugnam por um retorno do organismo ao inanimado ou ao inorgânico. (...) este jogo das pulsões se revela paradoxal, na medida em que elas lutam umas contra as outras e, ao mesmo tempo, cooperam umas com as outras através de um desdobramento infinito de entrelaçamento e imbricação. (Vicentin & Almeida, 2019, p. 61)

Dadas a complexidade dos pensamentos freudianos e a sua pertinência para o nosso trabalho, restringiremos o nosso olhar para as pulsões de vida.

Ao unir as pulsões sexuais e as pulsões de conservação, antes antagônicas, sob a mesma categoria “pulsões de vida”, Freud estava ciente das críticas acérrimas:

A psicanálise, que não podia prescindir de alguma hipótese sobre os impulsos, ateu-se de início à distinção popular de impulsos cujo modelo é a expressão “fome e amor”. [...] Com isso se avançava um bom trecho na análise das psiconeuroses. No entanto, o conceito de “sexualidade” – e, com isso, o de um impulso sexual – teve de ser ampliado até incluir muita coisa que não se enquadrava na função reprodutória, o que provocou bastante barulho no mundo severo, nobre ou meramente hipócrita. (Freud, 1920/2016a, p. 29)

Em 1925, o psicanalista ainda teve de reiterar no artigo “As resistências à Psicanálise” que as pulsões de vida não se tratava do ‘pansexualismo’:

(...) o que a psicanálise chamou de sexualidade não coincidia absolutamente com o impulso à união dos sexos ou à produção de sensações prazerosas nos genitais, mas sobretudo com o todoconservador e onibrangente Eros do *Simpósio* de Platão. (Freud, 1925/2016b, p. 234)

Na poesia de Adélia Prado, constatamos que a fome e o amor/sexo não se veem opostos numa tensão entre as pulsões de conservação e as pulsões eróticas, mas interligados e consubstanciados numa manifestação das pulsões de vida.

Já no seu primeiro poemário, *Bagagem*, o eu-lírico escancara o seu desejo do amor carnal de maneira tão candente que se confessa, com perspicaz ironia, no poema “Guia”: “temo os doutores, a excomunhão/ e o escândalo dos fracos” (Prado, 2015, p. 57). Em poemas como “Confeito” e “Amor feinho”, um *desejar* erótico do estado primordial uiva entre os versos, sem nenhum disfarce:

Quero comer bolo de noiva,
puro açúcar, puro amor carnal
disfarçado de coração e sininhos:
um branco, outro cor-de-rosa,
um branco, outro cor-de-rosa. (Prado, 2015, p. 80)

Eu quero amor feinho.
Amor feinho não olha um pro outro.

Uma vez encontrado é igual fé,
 não teóloga mais.
 Duro de forte o amor feinho é magro, doido por sexo
 e filhos tem os quantos haja. (Prado, 2015, p. 81)

O *desejar* sexual instintivo e quase selvagem ostenta-se sob o olhar do público, na mesma linha do *Cântico dos Cânticos*, livro altamente erótico mas nada vulgar, cuja candura intimida o voyeurismo. Para Adélia, o sexo não é somente uma necessidade biológica, nem apenas um prazer que a vida terrena permite, mas o transbordar da própria vida, uma exteriorização do violento desejo de *viver*. Nas obras posteriores a poetisa vai conduzindo o leitor para o fundo desse *desejar*, mostrando-lhe aos poucos que tal *desejar* não é oriundo do corpo, mas da alma. No poema extraordinário “A maçã no escuro”, na autocontemplação do seu corpo de mulher, não sem narcisismo, Adélia desvenda um universo erótico feminino que, aparentemente intacto, goza em si uma explosão oculta:
 versos, sem nenhum disfarce:

Meu sexo, de modo doce,
 turgindo-se em sapiência,
 pleno de si, mas com fome,
 em forte poder contendo-se,
 iluminando sem chama a minha bacia andrógina.
 Eu era muito pequena,
 uma menina-crisálida.
 Até hoje sei quem me pensa
 com pensamento de homem:
 a parte que em mim não pensa e vai da cintura aos pés
 reage em vagas excêntricas,
 vagas de doce quentura
 de um vulcão que fosse ameno,
 me põe inocente e ofertada,
 madura pra olfato e dentes,
 em carne de amor, a fruta. (Prado, 2015, pp. 152–153)

No poemário *O coração disparado*, mais escandaloso que o copular do corpo em *Bagagem*, vemos o copular da alma: “Minha alma quer copular” (Prado, 2015, 132). Não há concupiscência na palavra “copular”, senão uma pulsação irreprimível de “querer”, de *desejar*: “Para o desejo do meu coração/ o mar é uma gota” (Prado, 2015, p. 158). É um “apetite” que se aguça (Prado, 2015, p. 162), é “fome” – ao contrário das pulsões de conservação inicialmente concebidas por Freud, essa fome não quer ser saciada, senão perpetuamente sentida: “Quarenta anos: não quero faca nem queijo/ Quero a fome” (Prado, 2015, p. 130). É uma volúpia da vida no seu sentido lato e absoluto: “Tudo pulsando à revelia de mim,/ bom como um ingurgitamento não provocado do sexo./ A pura existência” (Prado, 2015, p. 129). Sendo o corpo esfomeado e a fome corpórea, os dois encontram-se homogeneizados, remetendo à pura sensação da existência:

Meu coração bate desamparado
 onde minhas pernas se juntam.
 É tão bom existir!
 Seivas, vergôntes, virgens,
 tépidos músculos
 que sob as roupas rebelam-se. (Prado, 2015, p. 213)

A nudez apazigua porque o corpo é inocente,
 só quer comer, casar, só pensa em núpcias,
 comida quente na mesa comprida
 pois sente fome, fome, muita fome (Prado, 2015, p. 423)

Não causa medo,
 só o belo tremor da noiva
 deixando a casa paterna.
 O que diz é: vem.
 O que é: abismo.
 Puro gozo
 que à medida que come
 mais tem fome. (Prado, 2015, p. 475)

Palavras como “comer”, “casar”, “comida quente”, “sexo”, “gozo”, “fome” e “carne” entrelaçam-se numa sinfonia que louva com toda a paixão o *viver*. Tudo o que estimula, o eu-lírico pede para *sentir*, sem a menor continência, na mesma dinâmica que um buraco negro absorvendo as matérias. O erotismo na poesia de Adélia não é senão uma vertigem das pulsões de vida. A alma não só está repleta de desejos, mas deseja gulosamente o próprio *desejar*, um constante *abrir-se* à vida e ao mundo.

3. Um *desejar* adquirido: amor e morte

Não podemos deixar de apontar que, enquanto a teoria freudiana move-se no plano da subconsciência, Adélia não se contenta em mostrar apenas a dimensão subconsciente do seu *desejar* guloso pela vida e para a vida – o que seria, por muito profundo que possa parecer, superficial. Para a poetisa, a paixão pela vida terrena, além de se explicar pelas pulsões de *Eros*, é resultado de uma escolha consciente, de uma decisão que muitas vezes subentende dificuldade, já que a vida, apesar de ser atraente, está repleta de desencantos. Se considerarmos o *desejar* erótico adeliiano um *abrir-se*, supomos que, ao manter e avivar essa abertura de si, o sujeito também se expõe aos possíveis perigos e se torna vulnerável. Mas o que parece vulnerável, em particular para a condição feminina, Adélia transforma-o em “desdobrável” (Prado, 2015, p. 21) para não se esquivar nem se magoar, o que só é possível através de uma espécie de *Bildung* que vai desenrolando no mundo interior do eu-lírico:

Em certas manhãs desrezo:
 a vida humana é muito miserável.

Um pequeno desencaixe nos ossinhos
faz minha espinha doer.
Sinto necessidade de bradar a Deus.
Ele está escondido, mas responde curto:
‘brim coringa não encolhe’.
E eu entendo comprido
o comovente esforço da humanidade
que faz roupa nova para ir na festa,
o prato esmaltado onde ela ama comer,
um prato fundo verde imenso mar cheio de estórias.
A vida humana é muito miserável.
‘Brim coringa não encolhe’?
Meu coração também não.
Quando em certas manhãs desrezo
é por esquecimento,
só por desatenção. (Prado, 2015, pp. 192–193)

“A vida humana é muito miserável”, portanto um coração que *deseja* tem de ser um coração destemido, que ousa desejar contra todas as misérias e dificuldades. Adélia procura extrair e mostrar a substância que define o amor humano, tanto a afeição entre indivíduos, quanto o amor que o homem tem da vida – “o comovente esforço da humanidade”. É uma substância que distingue o amor humano do instinto animal, que impulsiona o sujeito a vencer os desencantos da vida e resgatar o sublime do cotidiano mais insosso. Nesse sentido, o *desejar* de Adélia apresenta uma vertente adquirida/aprendida/educada:

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
‘coitado, até essa hora no serviço pesado’.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água
[quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo. (Prado, 2015, p. 97)

Só uma grande artista da língua e da vida como Adélia sabe condensar em tão poucas linhas uma lição vitalícia: “Minha mãe cozinhava exatamente:/ arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas./ Mas cantava” (Prado, 2015, p. 128). E ainda, num tom humorístico: “Amo até a barata, quando descubro que assim te amo,/ o que não queria dizer amo também, o piolho. Assim,/ te amo do modo mais natural, vero-romântico” (Prado, 2015, p. 85).

Ora, se pensarmos nos desencantos da vida, o maior deles talvez seja a morte. É uma pedra no meio do caminho que ninguém pode contornar, perante a qual até o

desejar intrépido de Adélia titubeia. A atitude da poetisa para com a morte não se explica tão bem pelas pulsões freudianas de morte como pela religião dela. Se afirmarmos que o eu-lírico *deseja* a morte, temos de esclarecer que não se trata de um *desejar* nascido de um ímpeto natural, mas também não se entende por uma aceitação passiva de um determinado facto, ou um acostumar-se perdendo a sensibilidade. É, sustentamos, um *desejar* adquirido da sua fé cristã. O eu-lírico *ousa* *desejar* a morte por saber-se respaldada pela Esperança, segundo a qual a morte não existe. Por outro lado, ele *quer* *desejar* a morte, porque a morte não é o reverso da vida, mas a renovação e continuação da vida. Assim sendo, se vimos na primeira parte deste trabalho o gozo adeliiano da “fera felicidade” (Prado, 2015, p. 152) da vida, como pode o sujeito não *desejar* a morte? Por isso lemos: “Não há como não pensar na morte,/ entre tantas delícias, querer ser eterno” (Prado, 2015, p. 217). A morte transforma-se então do “desencanto” no “encanto” por causa da vida – muito embora um encanto “desastrado” –:

A graça da morte, seu desastrado encanto
 é por causa da vida,
 (...)
 O corpo sente dores?
 Eu comia assim:
 arroz, feijão, cebola crua,
 mas o prato tinha a beirada bordada.
 A colher oxidava,
 mas, no cabo, miosótis gravados.
 O corpo sente alegrias, a língua as come
 claras, quentes, indubitáveis como sóis.
 Morre-se?
 As matemáticas eu entendo mais. (Prado, 2015, pp. 187–188)

Na poesia de Adélia, o medo da morte como consequência do desejo erótico da vida, e o desejo da morte por *desejar* a plenitude da vida, estes sentimentos paradoxais encontram-se enfim conciliados, embora não sem dificuldade e vacilação, em virtude da sua mundividência cristã: “Não quero nunca *desejar* a morte,/ a não ser por santidade, como a chamou Francisco: irmã” (Prado, 2015, p. 132); “Cemitério é campo-santo, por isso tanto me atrai,/ depois de repugnar” (Prado, 2015, p. 161).

O *desejar* da morte não é natural, mas aprendido. Para Adélia, aprender a *desejar* a morte implica de facto aprender a *desejar* a vida, por isso diz que “A grande tarefa é morrer” (Prado, 2015, p. 142). Contra o preconceito corrente que os cristãos sacrificam a vida terrena por amor da vida eterna, Adélia lembra pungentemente que um cristão é um indivíduo que, antes de tudo, ama viver, sabe *desejar* com corpo e alma, sem nenhum traço de indiferença. Só aqueles que amam esta vida são capazes de *desejar* a próxima, porque o desejo da vida eterna é fruto do próprio ato de *desejar*, que já se pode conhecer e se deve praticar na vida terrena. Por outro lado, quem ame verdadeiramente esta vida há de *desejar* a próxima, já que esta vida enquanto boa é circundada pela

corrupção. Essa dimensão de aprendizagem do *desejar* frente às questões existenciais patenteia-se no poema “Um bom motivo”:

Por nascimento e gosto, por destino, agora por dura
[escolha
desejo o sabiá, o Presidente vivo, o peixe vivo,
meu pai vivo gritando viva arroucado de tão alto:
VIVA! VIVA! VIVA!
É difícil morrer com vida,
é difícil entender a vida,
não amar a vida, impossível.
Infinita vida que para continuar desaparece
e toma outra forma e rebrota,
árvore podada se abrindo,
a raiz mergulhada em Deus. Ó Deus,
o globo do meu olho dói, apertado de choro,
a minha alma está triste, desejo largar o emprego,
que os de minha casa, hoje, comam frio.
Não me banho, não me penteio, não recebo ninguém,
uma pequena vingança contra a dor de viver.
O que é entristecível continuará,
o que é risível, deleitoso, também.
Continuará a vida, repetitiva.
Novíssima continuará a vida.
Só vida. Nua. Vida. (Prado, 2015, p. 195)

O *desejar* de Adélia continua um *desejar* sem selecionar – agora não por gula impulsiva, mas por “dura escolha”. É, pois, um *desejar* absoluto. Se sentir é viver, mesmo que se sinta dor, é sinal da vida, portanto a alegria conforme a sua filosofia de “pura existência”: “Quero estar cheia de dor mas não quero a tristeza” (Prado, 2015, p. 171). Este lema pode constituir um contraponto mas ao mesmo tempo está em perfeita harmonia com as palavras de Tasso de Silveira, poeta cristão coevo de Adélia: “eu escrevo as minha páginas mais graves em alegria. Porque a alegria é grave” (Santos, 2012, p. 154).

4. Um *desejar* sem fronteira: o corporal e o espiritual

Em *Bagagem*, Adélia anuncia: “erótico é a alma” (Prado, 2015, p. 53). É uma frase gramaticalmente incorreta, sobre a qual o comentário de Oliveira parece-nos uma excelente decodificação do pensamento de Adélia:

Se *erótica* fosse a alma seria uma equação simples: revela a alma certas qualidades sensoriais que tornam possível a identificação entre física e metafísica, o que não chega a ser nenhuma novidade, posto que esse foi um tema constantemente retomado pelos românticos na enunciação da alma gêmea e no cultivo do amor platônico. Entretanto, a simplicidade se desfaz na análise acurada do enunciado acima: *erótico é a alma*, isto é, o campo do substantivo erótico se deixa invadir pelo substantivo alma, e a relação que se

estabelece entre *erótico* e *alma* deixa de ser de determinante e determinado, em que a alma seja determinada pelo erótico, ou vice-versa, tornando-se de mútua equivalência, em que *isto* se iguala a *aquilo*. Assim, todo o cenário do erótico se expande a uma realidade que ultrapassa a corporalidade e se inscreve na transcendência, enquanto o signo alma torna-se pesado e pungente, quase corpóreo. (Oliveira, 2011, p. 106)

De acordo com Santos (2019, p. 11), Adélia “não corrobora com formalizações religiosas (...) e, ao mesmo tempo, não rompe com a sua própria tradição cristã; antes, dialoga com a mesma”. Sobre o corpo e a sexualidade, tema sempre controverso, a poetisa cria de facto um universo essencialmente subjetivo entre os polos de ortodoxia e subversão, um espaço que recusa qualquer rótulo, onde patenteia o seu espírito modernista. Segundo Moreira (2010, p. 16), o entrelaçamento das experiências estética, artística e religiosa na poesia adeliana pode ser identificado como uma única experiência – a de mística, em que a fronteira entre o corpo e o espírito, entre o profano e o sagrado se encontra ambígua ou tende mesmo a diluir-se. Nas palavras da própria poetisa: “o erótico é sagrado (...) o corpo é algo preciosíssimo, só é erótico por isso, para animar a divindade.” (Prado, 2000, citado em Araújo, 2011, p. 1). No poema “A fala das coisas”, vemos os termos profanos usados na expressão do *desejar* erótico, como “comer”, “fome”, trasladados tal qual para a relação com o divino: “Deus mastiga com dor a nossa carne dura,/ mas nem por chorar estamos abandonados./ .../ Se nos mastiga com dor,/ é por amor que nos come./ Vamos rezar as matinas” (Prado, 2015, p. 165); “a cara de Deus que vai matar minha fome” (Prado, 2015, p. 209). Constata-se um *desejar* mútuo na intimidade entre o Criador e a criatura, descrito em linguagem altamente erótica, através da qual a poetisa desconstrói a dicotomia corpo/espírito, colocando no mesmo patamar o comer e o rezar, demonstrando “traço de constante júbilo alimentado por um sensualismo sem barreiras nem distinções ou hierarquias: as cores e as formas, a comida e o sexo, a natureza e a oração” (Baptista, 2003, p. xiv). O espiritual é desejado pelo corpo, e o corporal deseja transcender:

Não compreendo nada. Só Vos desejo
e meu desejo é como se eu miasse por Vós.
A florinha do mentrasto é tão sem galas
que minha carne se eriça, erotizada.
Existis, ó Deus, porque a beleza existe,
esta que vi primeiro com meus olhos mortais. (Prado, 2015, pp. 227–228)

Quando o espírito vem
é no corpo
que sua língua de fogo quer repouso. (Prado, 2015, p. 532)

Não é novidade para o Cristianismo, pois, que a condição humana consiste na estreita união entre o corpo e a alma, mas a audácia de Adélia no reescrever desta mensagem transforma a rigidez doutrinal numa frescura deleitosa. Na sua poesia, o erotismo e a santidade não só demonstram a vizinhança de que fala Georges Bataille, no

sentido de uma e outra possuírem uma intensidade extrema (Bataille, 1957/1987, p. 163), mas infiltram-se uma na outra.

Num gesto de esbater a divisão convencional entre o sagrado e o profano, a poetisa empenha um processo de dupla ressignificação através da linguagem, nomeadamente a divinização do corpo humano e a corporificação de Deus. Para o primeiro, o corpo é contemplado como a obra-prima de Deus, puro e santo em si de origem (a Criação) e ao regresso (a Ressurreição): “O corpo não tem desvãos,/ só inocência e beleza,/ .../ É inútil o batismo para o corpo./ O que tem suas leis as cumprirá./ Os olhos verão a Deus” (Prado, 2015, p. 264); “Um dia veremos a Deus com nossa carne.’/ Nem é o espírito quem sabe,/ é o corpo mesmo,/ o ouvido,/ o canal lacrimal,/ o peito aprendendo:/ respirar é difícil” (Prado, 2015, p. 189). Já quanto à corporificação de Deus, a Encarnação é tida como o fulcro desta lírica. Diante dessa crença milenária, a poetisa não deixa de se maravilhar, e procura maravilhar o leitor com a sua linguagem, como no poema “Festa do Corpo de Deus”:

Jesus tem um par de nádegas!
 Mais que Javé na montanha
 esta revelação me prostra.
 Ó mistério, mistério,
 suspenso no madeiro
 o corpo humano de Deus.
 É próprio do sexo o ar
 que nos faunos velhos surpreendo,
 em crianças supostamente pervertidas
 e a que chamam dissoluto.
 Nisto consiste o crime,
 em fotografar uma mulher gozando
 e dizer: eis a face do pecado.
 Por séculos e séculos
 os demônios porfiaram
 em nos cegar com este embuste.
 E teu corpo na cruz, suspenso.
 E teu corpo na cruz, sem panos:
 olha para mim.
 Eu te adoro, ó salvador meu
 que apaixonadamente me revelas
 a inocência da carne.
 Expondo-te como um fruto
 nesta árvore de execração
 o que dizes é amor,
 amor do corpo, amor. (Prado, 2015, pp. 231–232)

Mais ainda, o corpo não só vem de Deus, mas contém Deus. Enquanto a conceituação paulina “o nosso corpo é o templo do Espírito Santo” (1 Coríntios 6:19) aponta para uma prática ascética, em Adélia a relação entre Deus e o corpo é experimentada de uma maneira erótica, violenta e complicada:

Deus! Clamo no escuro,
 ó Deus, Deus!
 Mas não sou eu quem chama,
 é Ele próprio quem se chama
 com minha boca de medo.

(...)

Ele não é o que dizem,
 grita, convoca à loucura,
 furta de mim as delícias
 que nos sonhos concede:
 os peixes dentro da rocha,
 primeiro de vidro,
 depois vivos, frementes,
 da mãe do cristal pendentos,
 da mãe da ametista.

A boca está seca, é sede.

Ele quer água, eu bebo,
 quer urinar, levanto-me,
 sem roupas ando na casa,
 tem piedade de mim.

(...)

a cova, a mãe, o grande escuro é Deus

e forceja por nascer da minha carne. (Prado, 2015, pp. 275–276)

Neste *desejar* ambigualmente amoroso, de cariz hierogâmico, o corpo que vivencia o sagrado “contra a vontade” entra no “êxtase inominável, mas maravilhoso”, como sugere George Bataille:

Se não há nada que não nos ultrapasse, que não nos ultrapasse contra nossa vontade, devendo *a qualquer preço* não existir, nós não alcançamos o momento *insensato* para o qual nos dirigimos com todas as nossas forças e que, ao mesmo tempo, repudiamos com todas as nossas forças. (Bataille, 1957/1987, p. 172, itálico do autor)

No entanto, o corpo não é tido como um valor supremo, pois a sua delícia, por maior que seja, não sacia a fome que a alma tem do infinito:

O dia passa, a noite, saio da sombra e digo:
 é só isso que eu quero,
 ficar no sol até enrugar o couro.
 Mas vai-se o sol também atrás do morro,
 a noite vem e passa sobre mim
 que longe de espelhos alimento sonhos
 quanto a viagens, glórias,
 homens raros me ofertando colares, palavras
 que se podem comer, de tão doces,
 de tão aquecidas, corporificadas.

A parreira verga de flores,
eu durmo inebriada,
achando pouca a beleza do mundo,
ansiando a que não passa nem murcha
nem fica alta, nem longe,
nem fuge de encontrar meu duro olhar de gula.
A beleza imóvel,
A cara de Deus que vai matar minha fome. (Prado, 2015, pp. 208–209)

O infinito para Adélia jamais é indizível, mas corporificado, materializado e, paradoxalmente, não deixa de ser transcendente e inatingível. Assim sendo, o *desejar* do sujeito é ao mesmo tempo saciável e insaciável, por isso permanece – nada explica melhor este fenômeno psíquico-lírico do que a experiência eucarística. Ao contrário do que muitos costumam pensar, o Cristianismo nos seus primórdios “foi religião de corpo, fundamentado na realidade concreta da carne e do sangue humano” (Wandermurem, 2007, p. 179). Bingemer (2001, citado em Bingemer, 2003, p. 92) chama a atenção para a dimensão de “corporeidade” desta religião: “A experienciada transcendência no cristianismo é a experiência de um Deus encarnado. Portanto, é uma experiência que passa pela corporeidade. Fora deste dado central e indispensável, não há cristianismo”. Se o antagonismo entre a carne e o espírito veio a ser instituído com os ensinamentos paulinos, Adélia procura restituir a dimensão sensual da sua religião: “‘Esse é o meu corpo, esse é o meu sangue, tomai e comei’. O reino dos céus é um banquete. Eu adoro quando ouço alguém dizer que no céu é um banquete” (Prado, 2000, citado em Araújo, 2011, p. 1). Na sua poesia, “o sublime se manifesta na condição rasteira e primária do homem. O corpo é o território deste encontro, seu corpo feminino, em todas as suas limitações e potências” (Silva & Luna, 2017, p. 15):

Meu coração bate como as asas de uma galinha de ferro.
Escrever me subjugava e não entendo,
tal qual comer, defecar,
molhar-me de urina e lágrimas.
Ó anelo de comunhão estrangulado,
mistério que me abate e me corrói.
Minha alma canta em delícias.
Meu corpo sofre e dói. (Prado, 2015, p. 225)

O *desejar* da alma e do corpo mesclam-se e expandem-se, encontrando a sua expressão mais perfeita num arrebatamento eucarístico, em que o profano, o sagrado e o poético unem-se e vivem uma *continuidade* perdida (utilizando de maneira livre o conceito de Bataille) e, em consequência, a dor e a alegria envolvem-se na relação dialética que Adélia costuma tecer com a sua escrita – candente e cândido, de uma filosofia inesgotável.

5. Conclusão

Através da análise, vemos a natureza multifacetada do *desejar* na poesia de Adélia Prado. Em primeiro lugar, o *desejar* da poetisa corresponde à teoria freudiana das pulsões de vida, demonstrada pela expressão profusa do sexo e da fome, mas este erotismo acaba por apontar para a própria sensação do desejo, uma espécie de “desejar o desejo”, que é no fundo um forte apego à vida, ou seja, à existência mortal. Este sentimento parece estar em desacordo, à primeira vista, com o desejo de morte que também aparece frequentemente na sua poesia, o que é melhor explicado pela fé cristã da poetisa do que pelas pulsões de morte de Freud. Na visão de mundo de Adélia, este dilema existencial é resolvido pela escolha consciente de amar esta vida finita enquanto se espera pelo infinito, tendo em conta a alegria da sua Esperança. Assim, é evidente a dimensão aprendida do seu *desejar*, que é um ato de verdadeira coragem perante a condição humana, tanto no que diz respeito às crueldades da vida como no que tange à sua insipidez quotidiana. Finalmente, assistimos à dissolução da dicotomia corpo/espírito, quando o sagrado e o profano entram em perfeita comunhão. Alguns versos são tão ousados que parecem aproximar-se do limite da blasfêmia, mas eles acabam por conferir a esta poesia uma profundidade filosófica e um toque místico, ganhando assim um valor estético muito elevado.

Financiamento: Este trabalho foi realizado no âmbito do programa de Bolsas de Investigação, Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

Referências

- Araújo, Z. (2011, julho 18–22). O Corpo (Con)sagrado: processos de hierofanização do corpo e da vivência cotidiana. [Apresentação em Conferência] *XII Congresso Internacional da ABRALIC*. <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1175-1.pdf>
- Bataille, G. (1987). *O erotismo* (Antonio Carlos Viana, Trad.). L&PM. (Original publicado em 1957)
- Baptista, A. (2003). Qualquer coisa é a casa da poesia. In Adélia Prado, *Com licença poética* (pp. xi–xvi). [Nota sobre a poética de Adélia Prado]. Cotovia.
- Bingemer, M. (2003). Transcendência e corporeidade: A experiência de Deus segundo Adélia Prado. *Gragoatá*, 14, 89–107. <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33448/19435>
- Andrade, C. D. santos(2005). De animais, santo e gente. *Poesia Sempre*, 20, 71.
- Endo, P. & Souza, E. (2016). Itinerário para uma leitura de Freud. (R. Zwick, Trad.). In Sigmund Freud, *Além do princípio de prazer* (pp. 3–11). L&PM.
- Freud, S. (2016a). *Além do princípio de prazer* (R. Zwick, Trad.). L&PM. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (2016b). *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad) (Vol. 16, pp. 228–240). Companhia das Letras. (Original publicado em 1925)
- Freud, S. (2016c). *Obras completas de Sigmund Freud* (Paulo César de Souza, Trad.), vol. 18 (pp. 9–89). Companhia das Letras. (original publicado em 1930)
- Massi, A. (2015). Móbile para Adélia. In Adélia Prado, *Poesia reunida* (pp. 559–598). Editora Record.
- Moreira, U. (2010). Adélia Prado e a polêmica sobre o processo de criação poética e o papel da inspiração. *Publicatio EUPG*, 18(1), 9–19. <https://doi.org/10.5212/publ.humanas.v18i1.2904>

- Oliveira, C. (2011). Erotismo, mística e morte: A tríade Adéliana. *Horizonte*, 10(25), 104–119. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2012v10n25p104>
- Prado, A. (2015). *Poesia reunida*. Editora Record.
- Santos, I. (2019). *Teologia do corpo em Adélia Prado: uma proposta religiosa transgressora* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão].
- Santos, L. (2012). Ousar crer, ousar criar: Cristianismo e literatura brasileira contemporânea. *Teoliterária*, 2(3), 143–182. <https://doi.org/10.19143/2236-9937.2016v2n3p143-182>
- Silva, E. & Luna, H. (2017). A face de Deus atingida da brutalidade das coisas: Concepção de poesia na obra de Adélia Prado. *Verbo de Minas*, 18(32), 5–32.
- Vicentin, E. & De Almeida, R. (2019). Pulsões de vida, pulsões de morte e compulsão à repetição. *Helleniká – Revista Cultural*, 1(1), 55–68.
- Wandermurem, M. (2007). O corpo na fronteira do sagrado e profano: A construção ética da corporeidade através da história. *Maiêutica Digital, Revista de Filosofia e Ciências Afins*, 1(2), 177–195.

[recebido em 27 de janeiro de 2023 e aceite para publicação em 30 de outubro de 2023]